

Indicadores mensais de indústria, comércio e serviços: abril e maio de 2022

Sumário

Após o avanço de 1% registrado pelo produto interno bruto (PIB) na comparação entre o primeiro trimestre de 2022 e o período imediatamente anterior, a maioria dos segmentos produtivos seguiu apresentando desempenho positivo nos dois meses seguintes. Contribuíram para esse resultado, entre outros fatores, algumas medidas implementadas pelo governo com impacto positivo na demanda – em particular, a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), o programa Auxílio Brasil, a antecipação do 13º do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), a liberação de Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), o auxílio-gás, a continuidade do processo de normalização da mobilidade urbana diante do arrefecimento da crise sanitária e a melhora observada nos indicadores de mercado de trabalho. Corroborando este cenário, os níveis de confiança dos empresários seguem aumentando de maneira generalizada entre os setores. O Monitor do PIB, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), indicador mensal que resume a atividade econômica brasileira, voltou a crescer em abril, com altas de 0,3% na margem e de 3,6% contra o mesmo período de 2021. Em relação a maio, a previsão da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea é que este indicador apresente novo avanço na margem (0,8%), influenciado pelas altas esperadas para a indústria, o comércio e os serviços no mesmo período. Com isso, melhoram as perspectivas para o resultado do PIB no segundo trimestre de 2022.

Entre os setores, o comércio de bens tem se destacado ao longo do primeiro semestre, refletindo não só as medidas governamentais citadas como também a melhora observada nos indicadores de mercado de trabalho, com aumento dos níveis de ocupação e da massa real de salários. Embora a confiança dos consumidores possa ser negativamente afetada pela inflação e pelo encarecimento do crédito, o desempenho da demanda segue demonstrando resiliência. As vendas do varejo, medidas na Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), avançaram 0,7% na margem em abril, completando três altas consecutivas nessa base de comparação. Com esse resultado, o volume de vendas no varejo ampliado avançou para um patamar 1,6% superior ao nível pré-pandemia – medido em fevereiro de 2020. Nossas previsões apontam alta de 0,6% para o resultado do comércio varejista (conceito ampliado) em maio, na série sem efeitos sazonais. Já as vendas no varejo restrito devem recuar 0,1%, na mesma base de comparação.

O setor de serviços, por sua vez, segue acompanhando a evolução dos níveis de mobilidade urbana. Embora tenha apresentado um ritmo de recuperação mais lento que os demais setores em relação aos efeitos da crise sanitária, a atividade de serviços segue numa trajetória mais consistente de crescimento. Principal responsável pelo aumento da criação de postos de trabalho na economia nos últimos meses, o setor

Leonardo Mello de Carvalho
Técnico de Planejamento e Pesquisa
da Diretoria de Estudos e Políticas
Macroeconômicas na Dimac/Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

Divulgado em 30 de junho de 2022.

continua sendo um dos principais direcionadores do desempenho da economia em 2022. Segundo a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), do IBGE, o setor avançou 0,2% em abril, na série livre de efeitos sazonais. O resultado sucedeu um crescimento de 1,4% no período anterior, e ocorreu de maneira heterogênea entre os segmentos. O destaque positivo ficou por conta dos serviços prestados às famílias, que registraram alta de 1,9% na margem. Esta atividade, a mais sensível às variações de mobilidade urbana, ainda se encontra 9,6% abaixo dos níveis pré-pandemia. Em relação a maio, a Dimac/Ipea projeta uma alta na margem do indicador geral da PMS, com avanço de 0,3% na comparação com abril (com ajuste sazonal) e de 8,5% sobre maio de 2021. O destaque positivo é o crescimento previsto de 3,1% sobre abril para a atividade *transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio*. Na comparação interanual, esperamos uma alta de 15,2% para este segmento.

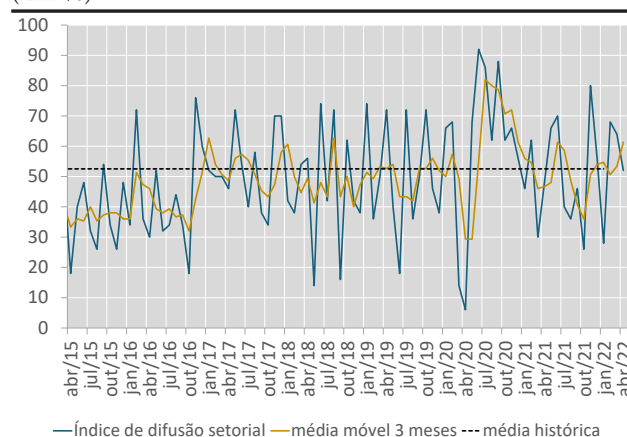
Por fim, a indústria manufatureira, embora siga enfrentando restrições de oferta, registrou em abril a terceira alta consecutiva na margem. Após apresentar trajetória decrescente ao longo de boa parte de 2021, o setor tem demonstrado alguma recuperação desde o final do ano passado. Segundo a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), do IBGE, com o crescimento de 0,1% em abril, a produção acumula alta de 1,4% nos últimos três meses na comparação dessazonalizada. Os problemas relacionados às cadeias produtivas globais e os custos elevados dos fretes internacionais seguem sendo importantes entraves ao crescimento da produção. Entre os grandes grupos econômicos, a produção de bens de capital apresentou forte volatilidade nos últimos dois meses. Após avanço de 10% em março, a produção no segmento caiu 9% em abril, na série já sem efeitos sazonais. Outro destaque negativo ficou por conta da produção de bens de consumo duráveis, que, após a queda de 5,5% em abril, recuou para um patamar 27,4% inferior ao nível observado no período pré-pandemia. O segmento automotivo continua sendo um dos mais afetados pelos gargalos de oferta, provocando, inclusive, paralisações temporárias em algumas montadoras. Com o prolongamento do conflito entre a Rússia e a Ucrânia e os *lock-downs* na China, a normalização das cadeias produtivas, antes esperada para o início do segundo semestre, deve ser postergada, mantendo as restrições de oferta. Para maio, a Dimac estima que a produção industrial tenha avançado 1,2% na comparação sem efeitos sazonais, com uma queda de 3,1% sobre o mesmo período de 2021.

1 Resultados gerais

O comportamento recente dos indicadores setoriais indica que, após o bom desempenho verificado ao longo do primeiro trimestre de 2021, a atividade econômica se manteve relativamente aquecida no início do segundo trimestre. Em abril, embora apresentando ritmos distintos, todos os três setores produtivos avançaram na comparação com o mês de março, na série livre de efeitos sazonais (tabela 1). Com isso, mesmo apresentando alguma desaceleração em relação aos dois meses anteriores, o indicador mensal Monitor do PIB voltou a registrar crescimento na margem, com alta de 0,3% em abril. Na comparação contra abril de 2021, o indicador registrou a 15ª variação positiva, com alta de 3,6%.

O desempenho da atividade econômica em abril foi caracterizado por um nível de difusão próximo à sua média histórica. Na comparação com março, já excluídos os efeitos sazonais, 52% dos segmentos registraram variação positiva. Embora o resultado mensal indique algum arre-

GRÁFICO 1
Atividade econômica: evolução do indicador de difusão setorial¹ (abr./2015-abr./2022)
(Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ O indicador de difusão setorial mede a porcentagem dos segmentos produtivos que registraram crescimento na comparação com o período anterior, já descontados os efeitos sazonais. Seu cálculo é realizado a partir do desempenho de cinquenta segmentos, definidos de acordo com as classificações utilizadas nas pesquisas setoriais do IBGE (PIM-PF, PMC e PMS).

fecimento em abril, na análise menos volátil em médias móveis de três meses, o indicador de difusão apresenta trajetória crescente ao longo dos quatro primeiros meses de 2022 (gráfico 1).

Em relação aos resultados referentes a maio, com base nas informações disponíveis até o momento, a Dimac/Ipea projeta continuidade no desempenho positivo da atividade econômica (tabela 1), com altas previstas para os três principais setores da economia na comparação dessazonalizada. Entre eles, o destaque ficaria por conta do setor industrial, que, embora siga enfrentando restrições pelo lado da oferta, tem apresentado uma trajetória positiva nos últimos meses. Com isso, nossa estimativa de crescimento de 0,8% na margem para o Monitor do PIB em maio melhora o carregamento estatístico para o segundo trimestre de 2022.

TABELA 1

Indicadores de atividade econômica: evolução recente das taxas de crescimento e previsões para maio de 2022

(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior			
	Fev./22	Mar./22	Abr./22	Previsão Dimac/Ipea - Maio/22	Fev./22	Mar./22	Abr./22	Previsão Dimac/Ipea - Maio/22
Monitor do PIB	1,4	1,5	0,3	0,8	1,2	3,3	3,6	4,8
Produção Industrial	0,7	0,6	0,1	1,2	-4,1	-1,9	-0,5	2,0
Comércio Varejista (ampliado) ¹	2,4	0,1	0,7	0,6	0,3	5,3	1,5	0,7
Comércio Varejista (restrito)	1,4	1,4	0,9	-0,1	1,3	4,9	4,5	-1,0
Serviços	-0,1	1,4	0,2	0,3	7,4	11,6	9,4	8,5

Fonte: IBGE; FGV; Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Indicador do comércio varejista ampliado, incluindo as vendas de veículos e de materiais de construção.

2 Indústria

A produção física da indústria avançou 0,1% na comparação entre abril e março, na série com ajuste sazonal, de acordo com a PIM-PF. Com esse resultado, que representou a terceira variação positiva seguida nesta base de comparação, o trimestre móvel encerrado em abril registrou avanço de 0,7% na margem, acelerando em relação ao resultado de março (0,6%). Já nas comparações interanuais, as quedas foram de 0,5% e 2,1% (tabela 2). Entre as classes, enquanto as indústrias extrativas subiram 0,4% na margem, a indústria de transformação avançou 0,1%.

TABELA 2

Produção industrial (PIM-PF) e grandes grupos econômicos: evolução das taxas de crescimento

(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Fev./22	Mar./22	Abr./22	TRIM ¹	Fev./22	Mar./22	Abr./22	TRIM ¹	No ano	Em doze meses
Geral	0,7	0,6	0,1	0,7	-4,1	-1,9	-0,5	-2,1	-3,4	-0,3
Classes										
Indústrias Extrativas	5,8	0,9	0,4	3,4	1,3	1,0	-0,1	0,7	-1,3	0,8
Transformação	0,4	0,7	0,1	0,8	-4,7	-2,3	-0,5	-2,5	-3,7	-0,5
Grupos Econômicos										
Capital	1,8	10,0	-9,2	-0,1	-4,6	4,9	-5,1	-1,4	-3,0	14,4
Intermediários	2,3	0,7	0,8	2,2	-2,5	-2,0	0,1	-1,5	-2,5	-0,3
Consumo	0,2	-3,1	2,4	-0,9	-7,1	-3,6	-0,3	-3,7	-5,7	-4,1
Duráveis	1,4	2,4	-5,5	-4,4	-16,8	-12,9	-13,2	-14,3	-17,0	-10,4
Semi e Não-Duráveis	1,4	-3,4	2,3	0,7	-4,4	-0,9	3,3	-0,7	-2,5	-2,5
Insumos da Construção Civil	0,0	0,2	2,0	0,0	-10,4	-8,4	-9,7	-9,5	-10,0	-2,6

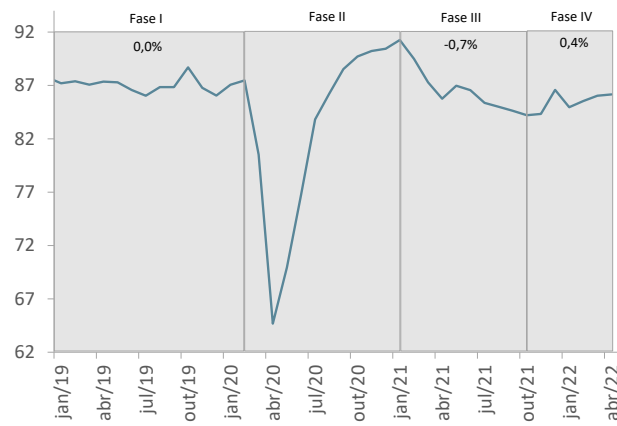
Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

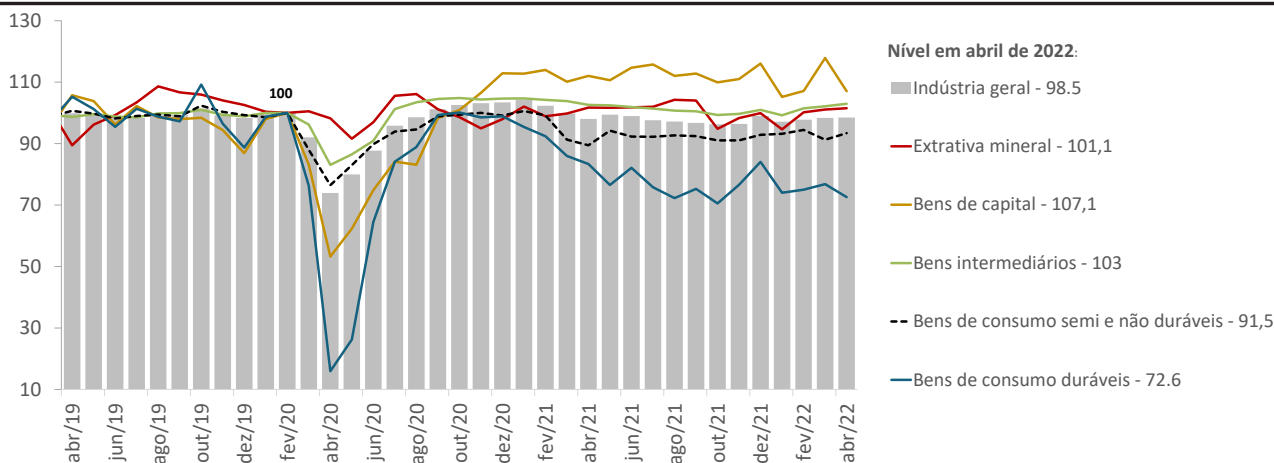
Enfrentando um cenário ainda desafiador, o bom desempenho do setor industrial ao longo dos primeiros quatro meses de 2022, ainda que num ritmo relativamente modesto, se distingue da trajetória verificada nos anos anteriores (gráfico 2). Após encerrar 2019 apresentando uma taxa média de crescimento mensal nula, o setor mergulhou na crise provocada pela covid-19 no ano seguinte, acumulando, entre fevereiro e abril, retração de 26,1%. Com a gradual redução dos níveis de isolamento social, acompanhada de medidas de estímulo à economia por parte do governo, tanto na esfera fiscal quanto na monetária, a recuperação ocorreu de forma acelerada, e já em setembro de 2020 a produção atingia patamar superior aos níveis pré-pandemia. Posteriormente, a retirada de alguns destes estímulos, associada aos efeitos negativos da crise sanitária sobre as cadeias globais de produção, gerou uma série de gargalos de oferta. Numa conjuntura interna ainda caracterizada por níveis elevados de desocupação, a trajetória da produção industrial voltou a retroceder, apresentando uma taxa média negativa de 0,7% ao longo dos primeiros dez meses de 2021. Desde então, com a melhora nos indicadores de mercado de trabalho, e algum relaxamento nas restrições de oferta, o setor voltou a apresentar um ritmo positivo de crescimento, registrando taxa média mensal de 0,4% até abril deste ano.

GRÁFICO 2
Produção industrial: evolução da indústria geral – série dessazonalizada (jan./2019-abr./2022)



Fonte: Ipea; IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 3
Produção industrial: evolução da indústria geral e grupos econômicos – séries dessazonalizadas (abr./2019-abr./2022) (Fev./2020 = 100)

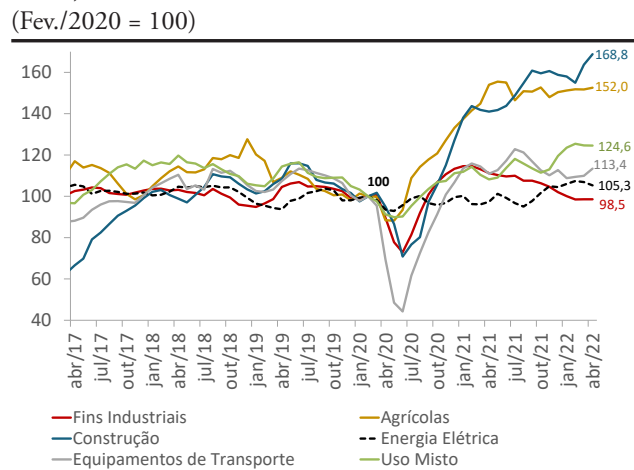


Fonte: Ipea; IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A melhora desde o final do ano passado no desempenho da indústria – que segue operando com um nível médio de utilização de capacidade próximo a sua média histórica – possibilitou aos empresários avançarem no processo de recomposição de estoques, que haviam atingido níveis bastante reduzidos em decorrência da crise sanitária. Apesar disso, a escassez de matérias-primas, acompanhada pelo aumento de custos, continua sendo um dos principais entraves para o crescimento de alguns setores da indústria. Entre os grandes grupos econômicos, a produ-

ção de bens de consumo duráveis continua apresentando os piores resultados. Havendo alguns segmentos ainda bastante afetados pela escassez de insumos intensivos em tecnologia, como é o caso das montadoras de veículos e dos fabricantes de eletroeletrônicos, a queda de 5,5% em abril levou a produção para um nível 27,4% abaixo do período pré-pandemia (gráfico 3). Em contrapartida, a produção de bens de capital segue como o grande destaque positivo, embora tenha apresentado elevado grau de oscilação nos últimos dois meses. Grande parte do crescimento da produção de máquinas e equipamentos continua tendo como destino atender à demanda nos setores do agronegócio e da construção civil. Este último, particularmente, registrou forte aceleração na série dessazonalizada em médias móveis, com a taxa de crescimento passando de 3,1% em março para 6,8% em abril. Outro destaque positivo ficou por conta do segmento equipamentos de transporte, com alta de 4,3% (gráfico 4).

GRÁFICO 4
Produção industrial, índices especiais: bens de capital por segmento – séries dessazonalizadas (médias móveis de três meses)



Fonte: Ipea; IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Para maio, a Dimac/Ipea estima que a produção industrial tenha avançado 1,2% na série sem efeitos sazonais, com alta de 2% na comparação com o mesmo período de 2021 (tabela 3). Com isso, o *carry-over* para o segundo trimestre ficaria em 1,6%. Esse resultado contou com uma contribuição negativa das indústrias extrativas, que estimamos terem recuado 2,9% na margem. Já a indústria de transformação deve registrar alta de 0,9% na mesma comparação. Entre os segmentos, os destaques ficariam por conta da produção de veículos e máquinas e materiais elétricos, com crescimentos previstos de 4,9%, e 5,9%, respectivamente.

TABELA 3
Indústria, setores produtivos: desempenho recente e previsão para maio de 2022 – variação contra o período anterior dessazonalizada (Em %)

	dez/21	jan/22	fev/22	mar/22	abr/22	mai/22 (previsão)
Indústria geral	2,7	-1,9	0,7	0,6	0,1	1,2
Indústrias extrativas	1,6	-5,3	5,8	0,9	0,4	-2,9
Indústrias de transformação	2,7	-1,5	0,4	0,7	0,1	0,9
Alimentos	3,6	1,3	3,2	-2,7	-4,1	-0,3
Têxtil	-0,4	-1,7	-1,5	-1,5	4,3	4,1
Vestuário	-0,7	-1,0	-0,8	-4,1	1,7	5,1
Couro e calçados	4,9	-6,2	-1,4	9,4	0,0	5,3
Celulose e papel	2,5	-1,5	-3,9	2,8	1,6	2,2
Derivados de petróleo e biocomb.	0,3	2,8	-2,2	-0,4	4,6	-1,3
Químicos	-0,1	-2,7	0,2	7,7	2,8	-4,1
Limpeza e perfumaria	1,4	-1,5	0,1	0,2	1,2	-1,9
Farmacêuticos	-7,5	-3,0	12,5	-8,4	4,8	1,7
Borracha e plásticos	-0,3	-4,6	3,5	-0,8	2,6	-0,3
Minerais não-metálicos	2,1	-3,5	0,7	0,6	0,2	0,4
Metalurgia	1,6	-4,0	4,4	1,2	-1,2	0,3
Metais	-0,8	-4,2	4,1	-3,7	2,5	3,5
Informática e eletrônicos	13,7	-11,8	1,2	8,1	-3,6	-3,1
Máquinas e materiais elétricos	-2,3	-4,1	2,2	-6,4	2,5	5,9
Máquinas e equipamentos	-0,2	-2,7	-0,7	5,3	-3,4	2,8
Veículos automotores	11,8	-15,9	4,3	6,7	-4,2	4,9
Outros equipamentos de transporte	3,0	-8,5	13,3	1,7	-8,4	5,5
Outros produtos	4,2	-2,7	5,8	-3,4	-5,1	6,4
Insumos construção civil	-0,6	-0,9	0,0	0,2	2,0	1,7

Fonte: Ipea; IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Comércio

De acordo com a PMC, as vendas no comércio varejista, no conceito ampliado, avançaram 0,7% na margem em abril, a terceira alta consecutiva nessa base de comparação. Na análise em médias móveis trimestrais, o resultado de abril (2,6%) significou nova aceleração da atividade varejista. Nesta base de comparação, as vendas tinham registrado taxas de 0,8% e 1,7% em fevereiro e março, respectivamente. Excluindo as vendas de veículos e materiais de construção, o chamado varejo restrito, por sua vez, cresceu 0,9% na margem. Na média móvel, acelerou de 2,1% para 3,3% entre março e abril. Na comparação interanual, ambas ficaram acima dos patamares verificados em abril de 2021 (tabela 4). Entre os segmentos, no entanto, apenas quatro registraram crescimento na margem, com destaque para a venda de móveis e eletrodomésticos; e vestuário, com altas de 2,3% e 1,7%, respectivamente. Na comparação em médias móveis, todavia, com exceção dos artigos farmacêuticos, todos os demais registraram crescimento na margem. Já na comparação interanual, o grau de difusão foi elevado, com destaque para o setor de vestuário, com alta de 33,9% sobre abril de 2021.

TABELA 4
Vendas no varejo: evolução das taxas de crescimento
 (Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Fev./21	Mar./22	Abr./22	TRIM ¹	Fev./21	Mar./22	Abr./22	TRIM ¹	No ano	Em doze meses
Comércio varejista restrito²	1,4	1,4	0,9	3,3	1,3	4,9	4,5	3,6	2,3	0,8
Comércio varejista ampliado³	2,4	0,1	0,7	2,6	0,3	5,3	1,5	2,4	1,4	2,2
1. Combustíveis e lubrificantes	6,2	5,5	-0,1	9,9	0,1	12,3	9,7	7,5	3,7	1,9
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	1,1	-0,1	-1,1	0,6	2,0	-3,4	4,0	0,8	0,4	-1,8
2.1 Hipermercados e supermercados	1,0	0,0	-1,4	0,4	1,5	-3,8	4,0	0,5	0,1	-1,9
3. Tecidos, vestuário e calçados	2,5	0,2	1,7	4,8	8,2	81,3	33,9	36,2	26,7	19,4
4. Móveis e eletrodomésticos	1,9	1,2	2,3	2,3	-13,3	7,2	-8,7	-5,3	-6,9	-12,0
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	-4,6	-4,3	0,4	-1,3	9,5	3,6	3,5	5,4	7,6	7,2
6. Livros, jornais, revistas e papelaria	85,7	3,6	-5,6	28,7	18,8	40,6	-0,9	19,1	20,4	5,8
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-1,1	14,6	-6,7	3,7	-8,0	16,5	-0,5	2,5	0,0	-2,3
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	1,0	1,2	0,1	2,8	1,1	8,9	1,5	3,8	1,0	5,7
9. Veículos, motos, partes e peças	5,3	0,6	-0,2	1,0	1,2	8,5	-2,1	2,5	2,3	10,0
10. Materiais de construção	0,7	1,6	-2,0	0,4	-7,9	1,2	-10,1	-5,5	-6,1	-4,1

Fonte: PMC/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

² O indicador do comércio varejista restrito é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

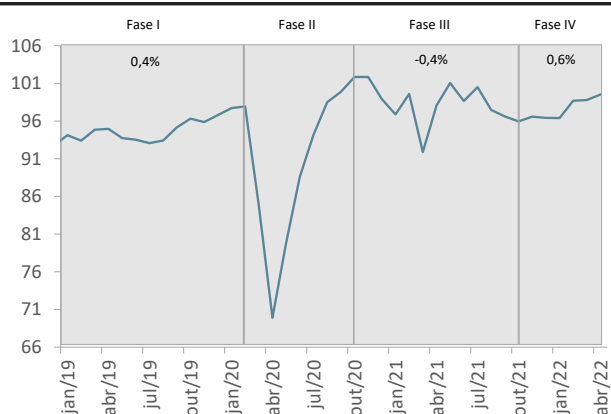
³ O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10.

Entre os setores, o comércio de bens tem se destacado, refletindo não só as medidas adotadas pelo governo que estimulam a economia, mas também a melhora observada nos indicadores de mercado de trabalho, com aumento dos níveis de ocupação e da massa real de salários. Embora a confiança dos consumidores possa ser negativamente afetada pela inflação e pelo encarecimento do crédito, o desempenho da demanda segue demonstrando resiliência. Em relação aos últimos anos, as vendas no varejo exibem um comportamento similar àquele verificado na indústria. Entre as diferenças, o comércio vinha num ritmo positivo no período pré-pandemia, com uma taxa média mensal de 0,4% na margem em 2019 (gráfico 5). Após o tombo em abril no ano seguinte, houve também uma rápida retomada nos meses seguintes, estimulada pelas medidas de sustentação da renda e do emprego adotadas pelo governo, visando suavizar os efeitos da crise. Assim como na indústria, a retirada de alguns desses estímulos, num contexto de altos níveis de desocupação, provocou uma acomodação na trajetória do comércio, que, após acelerar até outubro de 2020, passou a exibir tendência de queda, ainda que apresentando uma maior volatilidade. Este fraco desempenho entre outubro de 2020 e outubro de 2021 se refletiu numa

taxa média de crescimento mensal negativa de 0,4% (na comparação com ajuste sazonal). Desde então, a despeito da pressão exercida pela inflação no orçamento das famílias e do encarecimento do crédito, as vendas voltaram a ganhar ímpeto e vêm crescendo a uma taxa de 0,6% até abril de 2022.

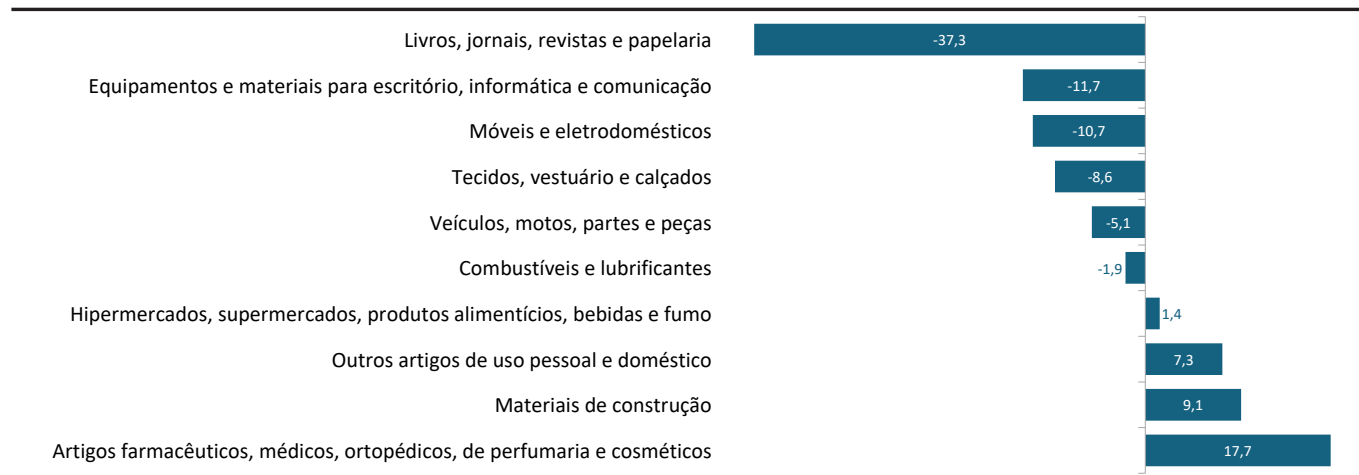
Mesmo com o bom desempenho no primeiro quadrimestre do ano, o varejo ampliado se encontra apenas 1,6% acima do nível pré-pandemia. Após o resultado de abril, seis num total de dez segmentos ainda estão abaixo dos níveis de fevereiro de 2020, com destaque negativo para as vendas de materiais para escritório e informática (-11,7%) e móveis e eletrodomésticos (-10,7%) (gráfico 6). Se, por um lado, a melhora no mercado de trabalho e os estímulos do governo à economia vêm mantendo um ímpeto na demanda doméstica, por outro, o orçamento das famílias segue pressionado pela inflação e pelo encarecimento do crédito. Com isso, já é possível verificar um aumento nos níveis de inadimplência e no comprometimento da renda das famílias com o serviço da dívida. Com base nos deflatores da PMC, a grande maioria dos segmentos ainda apresenta taxas de inflação acumuladas em doze meses acima de dois dígitos. Entre aqueles mais pressionados, os preços de combustíveis (33,6%), veículos (16,5%) e hipermercados (15,4%) apresentaram as maiores altas (gráfico 7).

GRÁFICO 5
Vendas no varejo: evolução do comércio ampliado – série dessazonalizada (jan./2019-abr./2022)



Fonte: Ipea; IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 6
Comércio varejista – segmentos: comparação entre os níveis de abril de 2022 e fevereiro de 2020 (Em %)

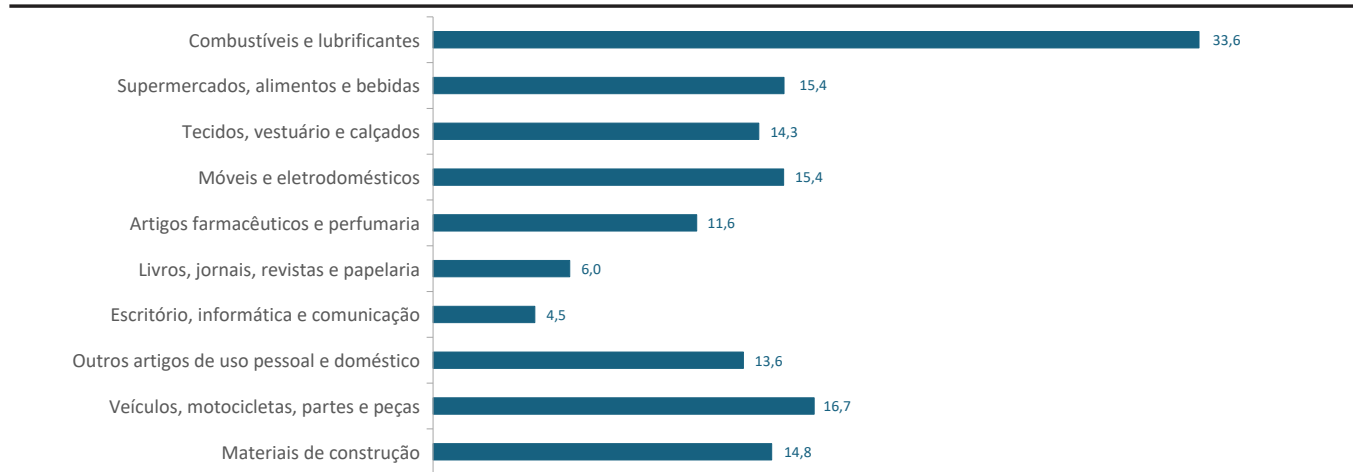


Fonte: Ipea; IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em relação a maio, com base nos indicadores coincidentes divulgados até o momento, a Dimac/Ipea espera uma alta de 0,6% na margem para o varejo ampliado, com crescimento interanual de 0,7%. Com este resultado, o *carry-over* para o segundo trimestre ficaria em 2%. Já no conceito de varejo restrito, prevemos um resultado próximo à estabilidade, com uma pequena queda de 0,1% sobre abril. Entre os segmentos, as maiores altas ficam por conta das vendas de tecidos, vestuário e calçados (5,8%); e de veículos, motocicletas, partes e peças (5,5%) (tabela 5).

GRÁFICO 7

Comércio varejista: deflator implícito – taxas de variação acumuladas em doze meses (abr./2022)
(Em %)



Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 5

Comércio varejista: desempenho recente e previsão para maio de 2022 – variação contra o período anterior dessazonalizada
(Em %)

	dez/21	jan/22	fev/22	mar/22	abr/22	Mai/22 (previsão)
Varejo ampliado	-0,2	0,0	2,4	0,1	0,7	0,6
Varejo restrito	-2,7	2,4	1,4	1,4	0,9	-0,1
Combustíveis e lubrificantes	-0,1	-0,2	6,2	5,5	-0,1	0,2
Hiper e supermercados	-0,5	0,2	1,1	-0,1	-1,1	-0,5
Tecidos, vestuário e calçados	-7,5	6,4	2,5	0,2	1,7	5,8
Móveis e eletrodomésticos	-1,2	-1,1	1,9	1,2	2,3	-4,6
Artigos farmacêuticos e perfumaria	3,2	8,1	-4,6	-4,3	0,4	-2,1
Veículos, motocicletas, partes e peças	0,1	-6,5	5,3	0,6	-0,2	5,5
Material de construção	-1,0	-0,5	0,7	1,6	-2,0	-1,5

Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4 Serviços

Além dos estímulos provenientes do governo e do crescimento da massa real de salários, a evolução do setor de serviços segue acompanhando o processo de normalização dos níveis de mobilidade urbana. De acordo com os dados da PMS, o setor avançou 0,2% em abril, na série livre de efeitos sazonais. O resultado sucedeu um crescimento de 1,4% no período anterior, e ocorreu de maneira heterogênea entre os segmentos. O destaque positivo ficou por conta dos serviços prestados às famílias, que registraram alta de 1,9% na margem (tabela 6). Na análise em médias móveis trimestrais, o crescimento de 0,7% foi o quinto consecutivo na margem, embora represente uma desaceleração em relação ao resultado de março (1,6%).

Assim como a produção industrial medida pela PIM, a receita real de serviços registrou uma taxa média de crescimento nula em 2019. Setor mais afetado pela crise sanitária, os serviços voltaram ao patamar pré-pandemia apenas em junho de 2021. Grande parte disso se deve às características de funcionamento de muitas de suas atividades, em que a interação presencial se faz mais necessária. Sendo assim, além do impacto da primeira onda de covid-19, ocorrida em abril de 2020, a atividade foi bastante afetada pela segunda onda, ocorrida em março

do ano seguinte. No entanto, apesar desta recuperação mais lenta que a verificada nos demais setores, a atividade de serviços segue uma trajetória mais consistente de crescimento. Após recuperar o nível pré-pandemia, o setor mantém uma taxa média de crescimento mensal de 0,5% (na comparação com ajuste sazonal) até abril (gráfico 8). Apesar de o indicador agregado já se encontrar 7,2% acima do patamar pré-pandemia, ainda existe espaço para um crescimento mais significativo em alguns segmentos, principalmente no de serviços prestados às famílias, em que a diferença em relação ao nível observado em fevereiro de 2020 é de -9,6% (gráfico 9).

TABELA 6
Serviços (PMS): evolução das taxas de crescimento
 (Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado				Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Fev./21	Mar./22	Abr./22	TRIM ¹	Fev./21	Mar./22	Abr./22	TRIM ¹	No ano	Em doze meses
Total	-0,1	1,4	0,2	0,7	7,4	11,6	9,4	9,5	9,5	12,8
1. Serviços prestados às famílias	-0,3	3,2	1,9	2,4	17,3	62,8	60,8	45,0	37,3	39,0
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	0,6	1,6	3,9	2,6	17,9	66,9	67,1	48,1	39,4	41,9
1.2 Outros serviços prestados às famílias	1,7	9,7	-5,0	7,0	14,1	43,8	31,2	29,6	26,3	24,1
2. Serviços de informação e comunicação	-1,2	1,8	0,7	-2,3	2,4	3,9	1,6	2,6	3,2	8,5
2.1 Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	-2,3	3,0	0,2	-3,1	1,9	3,3	1,2	2,2	2,8	7,8
2.1.1 Telecomunicações	-2,5	-0,7	0,0	-4,2	-7,4	-8,2	-8,4	-8,0	-7,3	-2,5
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	0,1	2,8	2,4	1,3	16,2	19,3	14,7	16,7	17,4	23,5
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-1,2	5,4	-3,1	-1,1	6,2	9,1	4,4	6,6	7,4	14,9
3. Serviços profissionais, administrativos e complementares	1,8	1,9	-0,6	4,5	7,2	9,7	7,8	8,3	8,1	9,9
3.1 Serviços técnico-profissionais	-2,2	5,3	-2,3	2,6	4,6	13,1	4,9	7,6	8,3	12,4
3.2 Serviços administrativos e complementares	2,7	-0,6	1,1	3,9	8,2	8,3	8,9	8,5	8,0	8,9
4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	2,5	3,1	-1,7	6,0	14,0	17,4	15,5	15,7	15,6	17,6
4.1 Transporte terrestre	2,8	2,1	0,5	6,8	15,2	17,2	17,7	16,8	16,4	17,5
4.2 Transporte aquaviário	0,0	-6,1	3,7	-2,2	17,9	4,9	2,4	7,9	10,5	14,7
4.3 Transporte aéreo	-4,9	22,8	-2,4	18,3	45,6	118,9	159,4	101,6	84,1	77,2
4.4 Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	1,5	2,8	-5,9	1,7	5,8	6,4	-0,4	3,9	4,4	9,3
5. Outros serviços	-0,9	1,4	-1,6	-0,4	4,2	-4,4	-7,7	-5,4	-3,8	2,0
Atividades Turísticas²	-1,2	5,3	2,5	4,7	4,3	75,9	85,7	61,2	51,3	49,8

Fonte: PMS/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

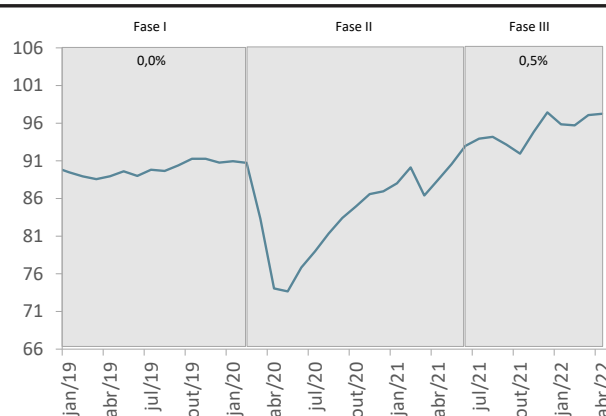
¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

² Índice especial construído a partir de agrupamentos de segmentos associados à atividade turismo.

Neste contexto, por ser intensivo em mão de obra, o bom desempenho do setor tem impulsionado a criação de postos de trabalho na economia nos últimos meses. Além disso, tendo como hipótese que o processo de normalização da mobilidade urbana não será interrompido (gráfico 10), deverá se manter como um dos principais *drivers* para o desempenho da economia em 2022.

Para maio, a Dimac/Ipea estima que o volume de serviços medido pela PMS volte a crescer, com alta de 0,3% na série sem efeitos sazonais, atingindo patamar 8,5% acima do mesmo período do ano passado. Com isso, o *carry-over* para o segundo trimestre ficaria em 1,3%. Entre os cinco segmentos, o resultado positivo seria bastante disseminado, com destaque para os serviços prestados às famílias e os transportes, com altas de 0,9% e 3,1% na margem, respectivamente (tabela 7).

GRÁFICO 8
Serviços: receita real de serviços – série dessazonalizada (jan./2019-abr./2022)

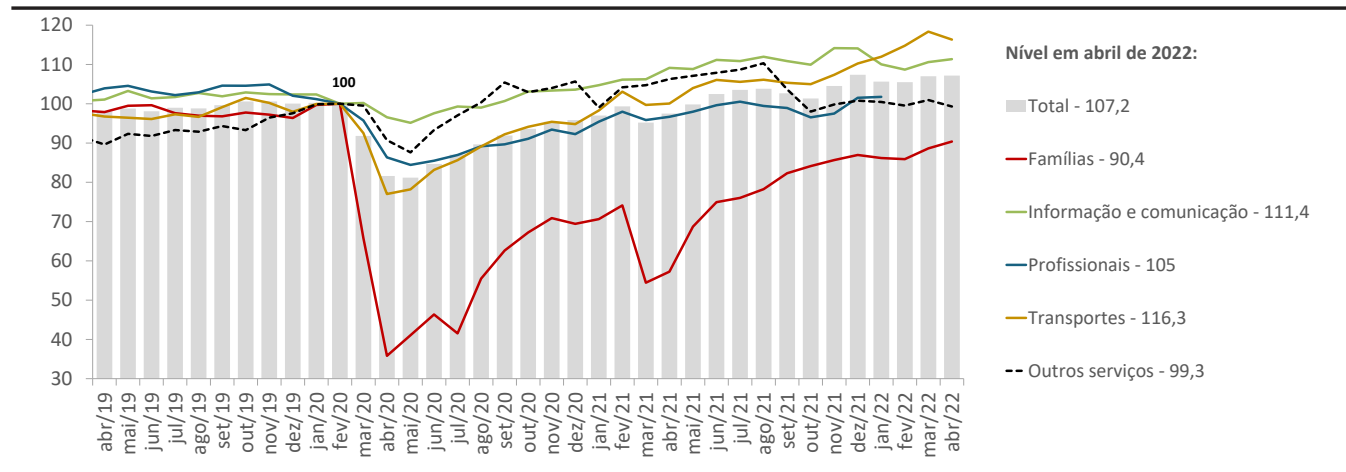


Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 9

Serviços: evolução do total e subsetores – séries dessazonalizadas (abr./2019-abr./2022)
(Em %)

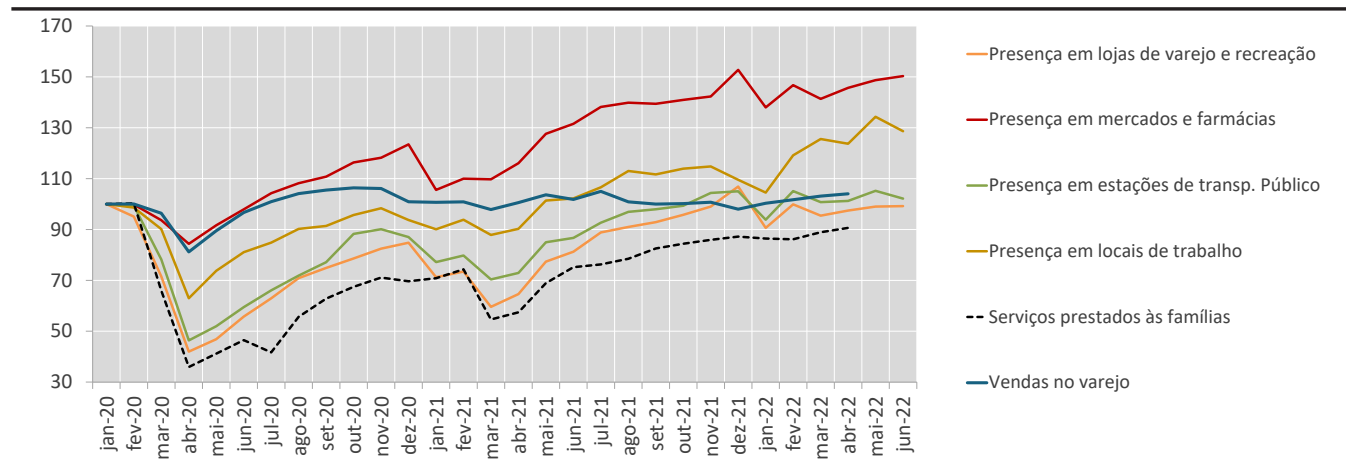


Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 10

Indicadores de mobilidade versus atividade econômica (jan./2020-jun./2022)
(Em %)¹



Fonte: IBGE; Google.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Variação em relação aos níveis de janeiro de 2020.

TABELA 7

Serviços: desempenho recente e previsão para maio de 2022 – variação contra o período anterior dessazonalizada
(Em %)

	dez/21	jan/22	fev/22	mar/22	abr/22	maí/22 (previsão)
Serviços	2,7	-1,6	-0,1	1,4	0,2	0,3
Serviços prestados às famílias	1,5	-0,9	-0,3	3,2	1,9	0,9
Serviços de informação e comunicação	-0,1	-3,6	-1,2	1,8	0,7	-0,8
Serviços profissionais, administrativos e complementares	4,1	0,2	1,8	1,9	-0,6	1,7
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	2,7	1,6	2,5	3,1	-1,7	3,1
Outros serviços	1,0	-0,3	-0,9	1,4	-1,6	0,6

Fonte: Ipea; IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

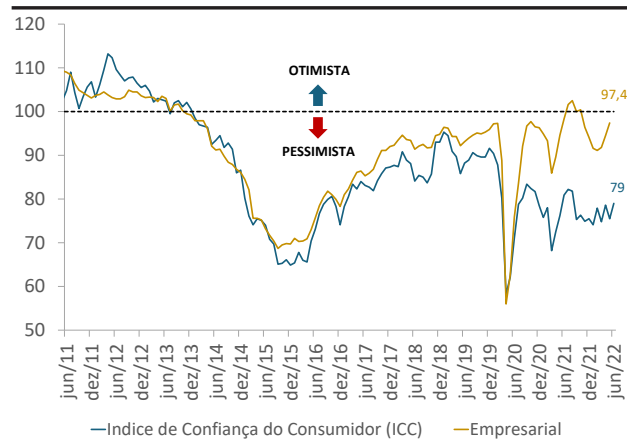
5 Confiança

O bom desempenho da atividade econômica ao longo do primeiro semestre de 2022 tem se refletido no comportamento dos indicadores de confiança dos agentes, principalmente em relação aos empresários. De acordo com as pesquisas Sondagens Setoriais, o Índice de Confiança Empresarial (ICE) atingiu o patamar de 97,4 pontos em maio, sendo este o terceiro avanço consecutivo na série com ajuste sazonal. Com isso, o indicador atinge o seu maior patamar desde outubro do ano passado (100,4). Este resultado se deve a uma melhora generalizada entre os setores, com destaque para a indústria e os serviços, em que o nível de confiança já se aproxima da zona neutra de 100 pontos. Uma percepção de melhora na demanda interna e externa, assim como de normalização dos estoques, está por trás desses resultados. Já o Índice de Confiança do Consumidor (ICC) tem oscilado em torno de um patamar mais deprimido, indicando resultados heterogêneos entre as faixas de renda. Enquanto as famílias de baixa renda mostram mais preocupação com a situação financeira e o emprego, os consumidores com renda mais alta revelam melhora dos níveis de confiança, com aumento das intenções de compra (gráfico 11).

GRÁFICO 11

Indicadores de confiança: empresarial versus consumidores
 – séries dessazonalizadas (jun./11 - jun./22)

(Em pontos)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor)
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos (Diretor Adjunto)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos (Editor)
Fábio Servo
José Ronaldo de Castro Souza Júnior
Leonardo Mello de Carvalho
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Sandro Sacchet de Carvalho

Pesquisadores Visitantes:

Ana Cecília Kreter
Andreza Aparecida Palma
Antônio Carlos Simões Florido
Cristiano da Costa Silva
Felipe Moraes Cornelio
Paulo Mansur Levy
Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Alexandre Magno de Almeida Leão
Caio Rodrigues Gomes Leite
Diego Ferreira
Diego Rosalino Marques
Felipe dos Santos Martins
Izabel Nolau de Souza
Marcelo Lima de Moraes
Pedro Mendes Garcia
Rafael Pastre
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.
